

Trajetórias e vida de pessoas idosas ex-emigrantes Portugueses: a construção da integridade familiar

*Emigration trajectories of former Portuguese
emigrants: the construction of family integrity*

Filipa Daniela Marques
Liliana Sousa

RESUMO: A construção da integridade familiar é um desafio desenvolvimental para as pessoas idosas. Este estudo exploratório analisa as trajetórias de emigração de pessoas, agora idosas, que emigraram e retornaram ao país de origem (Portugal), para compreender como a emigração influencia a construção do sentimento de integridade familiar versus desconexão e alienação. Os resultados sugerem que a emigração potencia a construção de diversas filosofias de vida determinantes na construção da integridade familiar.

Palavras-chave: Envelhecimento; Relações Familiares; Emigração.

ABSTRACT: *Constructing family integrity is a normative developmental challenge for older people, which is influenced by the family and social systems. This exploratory study examines the emigration trajectories of former Portuguese emigrants, now in old age, who returned to their home country (Portugal). And aims to contribute to a better understand of the influence of emigration experiences in the construction of family integrity versus disconnection and alienation.*

Keywords: *Aging; Family Relations; Emigration.*

Introdução

O conceito de “integridade familiar” (King & Wynne, 2004) baseia-se na integridade do ego de Erikson (1950) e constitui um desafio desenvolvimental normativo para as pessoas idosas. Este processo pode assumir três rumos (King & Wynne, 2004; Sousa, Silva, Marques & Santos, 2009): integridade, vivenciada pela pessoa idosa com sensação de paz e satisfação com as relações familiares; desconexão que descreve situações de raro contato familiar, resultando em isolamento e desligamento; alienação referente à ausência de identidade familiar. A capacidade das pessoas idosas alcançarem a integridade familiar é influenciada por três competências familiares (King e Wynne, 2004) (Anexo 1): transformação das relações; resolução de conflitos e/ou perdas; criação de sentido e legado.

A transformação das relações familiares ocorre ao longo da vida familiar e individual, envolvendo a capacidade para renegociar hierarquias entre gerações nas diversas fases do ciclo de vida. Ocorre a maturidade no fim da vida quando a geração intermédia auxilia a mais velha em funções executivas e prestação de cuidados; e a geração mais velha aceita o apoio e assume novas responsabilidades. Esta reciprocidade retrata a dinâmica das relações bem-sucedidas no fim da vida, definida pela manutenção do compromisso familiar reinventado face às transições. (King & Wynne, 2004). A resolução de conflitos e perdas ganha especial relevo na velhice em virtude do processo de revisão e integração da vida, que leva a pessoa idosa a refletir sobre o seu percurso. Os outros familiares podem dificultar este processo: por indisponibilidade para acompanhar a pessoa idosa nas discussões dolorosas, pois estão envolvidos em tarefas do seu ciclo vital; ou para proteger a pessoa idosa. A criação de sentido e legado é uma experiência do envelhecimento associada à continuidade e preservação no tempo (imortalidade simbólica) (Sussman, 1970).

A construção da integridade familiar sofre a influência de diferentes fatores a três níveis (King & Wynne, 2004): individual, baseado na experiência da pessoa idosa de in/satisfação com o contexto; familiar, centrado nas competências familiares que ajudam a criar pertença; social, envolvendo a transmissão de valores. Estas influências salientam a necessidade de estudar a integridade familiar em diversos contextos culturais e sociais (King & Wynne; Sousa *et al.*, 2009), incluindo a emigração por envolver a vivência entre duas culturas e exigir o afastamento geográfico da família.

Este estudo analisa as trajetórias de vida associadas ao processo de construção da integridade familiar em pessoas (agora idosas) ex-emigrantes que regressaram a Portugal.

Trajatórias de emigração

A emigração constitui um desafio para os indivíduos e suas famílias, que enfrentam conflitos de normas entre a cultura de origem e de acolhimento (Hernandez, & McGoldrick (2004). Os emigrantes assumem quase uma dupla identidade: não esquecem a terra natal, gênese de identidade, mas escolhem o país de acolhimento para melhorar as condições de vida. A compreensão da emigração tem sido associada à aculturação, definida como processo individual e familiar, influenciado pelo contexto social, econômico, político e cultural do país de origem e acolhimento (dupla cultura) (Berry, 2003). A emigração envolve várias fases (Canadian Council for refugees, 1998; Souza, 2007): decisão, chegada e adaptação, integração e decisão de retorno.

A decisão de emigrar é quase sempre familiar, determinada por fatores econômicos (melhorar as condições de vida) que envolve fatores sociais e culturais (e.g. evitar culturas com comportamentos xenófobos) (Nivalainen, 2004; Morrison & James, 2009; Falicov, 2007). Algumas etapas de vida familiar são mais favoráveis à mobilidade, designadamente (Grundy, 1992): formação do jovem casal e família com filhos pequenos. É comum os homens partirem primeiro, para assegurar casa e trabalho, e depois ir a mulher e os filhos (Toro-Morn, 1995) Com frequência, escolhem-se países onde vivam amigos e/ou familiares que ajudem/assegurem empregos e casa. Algumas famílias vêem a emigração como algo definitivo, mas a maioria experiencia-a como temporária (Hernandez & McGoldrick, 2004).

A adaptação é o período de ajustamento concomitante à chegada ao país de acolhimento Souza (2007). Por norma, implica centração na família, contudo estabelecer relações sociais é fator-chave para uma adaptação bem sucedida, pois facilita conseguir um emprego e adaptar-se à língua (Souza, 2007). As famílias tendem a manter laços com a cultura de origem, tais como (Morrison & James, 2009): rituais quotidianos (celebrar dias festivos do país de origem) ou falar a língua materna em casa.

A integração é o processo através do qual os emigrantes se tornam participantes na sociedade de acolhimento, tornando-se ativos a nível social, cívico e cultural (Souza,

2007). Envolve a reestruturação de *laços* entre a cultura de origem e a de acolhimento, mantendo a ligação com a família no país de origem, por exemplo (Morrison & James, 2009): enviando algum dinheiro para ajudar ou visitar a *terra* nas férias.

A decisão de retorno é igualmente complexa, os emigrantes tendem a partir com o objetivo de regressar quando melhorarem a situação económica (Morrison & James, 2009). Mas alguns não regressam: já não se identificam com o país de origem e/ou os filhos optam por ficar no país de acolhimento. Outras famílias fazem opções intermédias: passar algum tempo no país de origem e o restante no país de acolhimento.

Este estudo centra-se em pessoas que regressaram. O regresso, mesmo o desejado, envolve também adaptações complexas: a (re) integração no país de origem e a despedida de amigos e costumes no país de acolhimento. A trajetória *de ida e volta* parece envolver movimentos identitários complexos: duplo sentimento de pertença, ao país de origem onde está a identidade e ao país de acolhimento que lhes deu uma *nova vida*; duplo sentimento de perda, pois quando emigram perdem as *origens* e quando regressam perdem a vida do país de acolhimento.

Objetivos

Este estudo analisa as trajetórias de vida de pessoas idosas ex-emigrantes Portugueses, para compreender a influência da emigração na construção da integridade familiar versus desconexão e alienação.

Os resultados são relevantes, especialmente, em Portugal, um país com tradição emigratória (Barreto, 2005). Os atuais idosos regressados de emigração partiram nos anos 1940/50, quando diversos fatores provocaram uma vaga migratória (Morrison & James, 2009): políticos, o regime autoritário e repressivo da Ditadura Salazarista; sociais, necessidade de mão-de-obra na Europa após a II Guerra Mundial; económicos, Portugal era um país empobrecido. Emigrar continua a ser uma "atividade" na dinâmica dos portugueses, pelo que os resultados poderão ser relevantes para futuras populações idosas.

Metodologia

Procedimentos

Os participantes foram identificados através de três instituições comunitárias de apoio à terceira idade. Foi solicitada autorização às direções destas instituições para realizar o estudo, pedindo-se a designação de um profissional para mediar o contato entre investigadores e potenciais participantes. Após obtida a autorização, os profissionais (2 técnicas de serviço social e 1 psicóloga) foram contactados pela primeira autora que explicou o objetivo do estudo e critérios de inclusão: ter mais de 64 anos; apresentar discurso coerente; estar orientado no espaço e tempo; ter sido emigrante e estar agora a viver em Portugal. Foi explicado que a amostra envolveria 20 participantes, 10 homens e 10 mulheres (estudos prévios (Marques e Sousa, 2011)) colocam a saturação dos dados nos 10 participantes (não surgem nos dados novas propriedades e dimensões, e a análise responde por grande parte da possível variabilidade (Strauss & Corbin, 2008)), e incluiria pessoas nos três percursos associados à integridade familiar: integridade, desconexão e alienação. Para permitir esta organização pediu-se aos profissionais que preenchessem um questionário e identificassem pessoas idosas com quem tivessem contato regular (mantendo o anonimato). O questionário contemplou: dados sócio-demográficos (género, idade, estado civil e habilitações académicas); juízo sobre a orientação (*Esta pessoa apresenta um discurso coerente? Está orientada no espaço e tempo?*); indicador do processo de integridade familiar (*checklist*).

A *checklist* constitui um indicador de construção da integridade familiar construída com base em estudos prévios (King & Wynne, 2004; Sousa *et al.*, 2009), tendo demonstrado boa fiabilidade (Marques & Sousa, 2011). Compreende 5 questões: *Esta pessoa tem um discurso centrado no passado? Repete com frequência uma história ou acontecimento, aparentemente pouco importante? Tem tendência para ser arrogante e/ou desvalorizar os outros? Atribui a culpa por conflitos a outros? É aborrecido/a?* Cada questão é pontuada com 1 (sim) ou 0 (não): pontuações mais baixas sugerem integridade familiar. A *checklist* foi usada como guia de identificação dos participantes, sendo a classificação concluída após a análise das entrevistas.

Os profissionais preencheram os questionários e disponibilizaram a informação (anónima) aos investigadores que seleccionaram os potenciais participantes de forma a

assegurar os critérios de inclusão e composição da amostra. Em seguida os investigadores informaram os profissionais sobre os participantes que gostariam de contactar. O profissional contactou o potencial participante, explicou os objetivos, a colaboração pretendida e solicitou permissão para o contato do investigador. Todos aceitaram participar. A primeira autora contactou-os e marcou um encontro onde detalhou objetivos, metodologia e garantias de confidencialidade. Todos concordaram em participar e, depois de assinarem o consentimento livre e esclarecido, procedeu-se a recolha de dados, que decorreu nas instituições ou habitações dos participantes. Em Portugal não existem comités de ética nesta área (somente na saúde), por isso procedeu-se segundo os regimentos éticos adaptados da Declaração de Helsinque. O número de 20 entrevistados mostrou ser adequado, pois correspondeu à saturação de dados.

Instrumentos

Os instrumentos utilizados envolvem: desenho da linha de acontecimentos de vida (Lopes, Salvagni, Tronco, Corrêa, Prates, Veríssimo & Lunes (2009) e entrevista semi-estruturada (Anexo 2) de análise da construção da integridade familiar (King & Wynne, 2004; Sousa, Silva, Marques & Santos (2009). A recolha dos dados iniciou-se pela linha de acontecimentos de vida, técnica que possibilita explorar em profundidade a história dos participantes. Foi aplicada em entrevista aberta, sendo o respondente convidado a evocar acontecimentos relevantes da emigração, tais como: data de partida e regresso, motivos e tomada decisão, tempo de permanência no país de acolhimento, profissão e número de episódios de emigração. Na entrevista de análise da construção da integridade familiar foi adicionada uma questão em cada domínio para explorar o impacto da emigração: *Considera que algum acontecimento da emigração influenciou algum destes aspectos?*

Amostra

A amostra compreende 20 pessoas idosas ex-emigrantes, com idade entre os 70 e os 94 anos (Tabela 1).

Tabela 1. Caracterização da amostra

Participantes ¹	Sexo	Idade	Habilitações académicas	Estado civil
Ana	Feminino	80	Sem frequência escolar	Viúva
Amâncio	Masculino	75	Escolaridade primária	Viúvo
Américo	Masculino	84	Sem frequência escolar	Viúvo
António	Masculino	76	Escolaridade primária	Viúvo
Armando	Masculino	85	Sem frequência escolar	Viúvo
Augusta	Feminino	89	Escolaridade primária	Solteira
Berto	Masculino	83	Escolaridade primária	Viúvo
Domingues	Masculino	94	Escolaridade primária	Viúva
Emília	Feminino	84	Sem frequência escolar	Viúva
Glorinda	Feminino	83	Escolaridade primária	Viúva
Henrique	Masculino	83	Escolaridade primária	Viúvo
Isilda	Feminino	92	Escolaridade primária	Viúva
Jaime	Masculino	74	Escolaridade primária	Solteiro
Jorge	Masculino	80	Escolaridade primária	Viúvo
Judite	Feminino	82	Escolaridade primária	Viúva
Juliana	Feminino	70	Sem frequência escolar	Viúva
Margarida	Feminino	88	Escolaridade primária	Viúva
Mariana	Feminino	72	Escolaridade primária	Viúva
Mendonça	Masculino	82	Escolaridade primária	Viúvo
Odete	Feminino	89	Escolaridade primária	Viúva

Análise de dados

As entrevistas tiveram duração entre 30m e 66m; foram gravadas, transcritas e submetidas a análise de conteúdo por dois juízes independentes (autoras). A análise decorreu em três fases.

A primeira fase centrou os acontecimentos de vida para traçar perfis de emigração; os juízes, de forma independente, leram as entrevistas e estabeleceram temas emergentes; em seguida reuniram-se para discutir as propostas, que eram similares e permitiram identificar os seguintes temas: país de acolhimento; tempo de emigração; profissão; episódios de emigração; visitas a Portugal; eventos sociais marcantes.

¹ Todos os nomes são fictícios.

Estabeleceram-se três perfis de emigração com base na localização do país de acolhimento (Tabela 2): *África, Europa e EUA e América do Sul*. Em seguida a primeira autora caracterizou cada perfil considerando os temas identificados.

A segunda fase focou a construção da integridade familiar *versus* desconexão e alienação: a) os juízes leram as entrevistas de forma independente para classificarem os participantes em integridade, desconexão ou alienação familiar; reuniram-se para confrontar as classificações; verificaram discordância em 4 casos, mas após discussão chegaram a consenso; b) leram de forma independente as entrevistas para reconstituir em cada caso a construção da integridade, desconexão ou alienação familiar, utilizando os domínios definidos (Integridade global; transformação das relações; resolução de conflitos e perdas e construção de sentido e legado) (King & Wynne, 2004; Sousa et al., 2009) (anexo 1); c) reuniram-se para discutir os processos em cada caso até chegarem a consenso.

A terceira fase estabeleceu a relação entre perfis e processos de integridade familiar, partindo das fases de emigração (decisão, adaptação, integração e regresso). Os juízes independentes associaram a informação dos perfis com a construção da integridade familiar de cada participante; depois reuniram-se e através de um processo de sucessivo refinamento chegaram a consenso.

Resultados

Perfis de emigração

Duas características são comuns às narrativas de todos os participantes: emigram na busca de melhores condições económicas e com o intuito de regressar.

O perfil *África* envolve 10 participantes que regressaram de ex-colónias portuguesas após a independência em 1975 (Tabela 2). Foram para território Português, mas sentem-se emigrantes (*quando emigrei para África*): vivem longe da família e deparam-se com uma realidade cultural distinta. Referem ter cooperado com os países de acolhimento, ensinando os autóctones e contribuindo para a economia. Destacam episódios de doenças graves e *estranhas* (como a febre amarela), provocadas pelas frágeis condições sanitárias. Emigraram por longos períodos (média de 20,6 anos),

raramente visitavam o país de origem (média de 0,7 visitas) devido ao custo. Viviam *muito bem* lá e melhoraram a condição socioeconómica, mas muitos regressaram forçadamente devido à descolonização em 1975, quase sempre *sem nada*, tendo que recomeçar *uma nova vida*. Para além das perdas materiais, passaram pela experiência da guerra (e.g. raptos, mortes), mas mantêm saudades de África.

O perfil Europa e EUA inclui 6 participantes (Tabela 2) que salientam dificuldades de adaptação à língua do país de acolhimento. Emigram por volta dos 33 anos e permanecem cerca de 15 anos, visitando regularmente a família em Portugal (média 3,8 visitas). Regressam depois de alcançarem as condições económicas desejadas e referem fácil readaptação. Mantêm saudades do país de acolhimento.

No perfil América do Sul existem 3 emigrantes (Tabela 2). Os destinos são referidos como países de *boa gente*, com uma *língua que não era difícil*. Referem dificuldades de adaptação ao trabalho devido às condições precárias: trabalhavam cerca de 13 horas por dia com curtos intervalos para refeições e eram mal remunerados. Emigraram jovens, cerca de 19 anos e permaneceram no país de acolhimento cerca de 20 anos. Voltaram para o país de origem por doença (Mendonça e Jaime) ou morte dos pais (Berto). Referem fácil readaptação porque voltaram às antigas profissões ou retomaram negócios de família. Não sentem saudades do país de acolhimento.

Tabela 2. Perfis de emigração

Caso	País de emigração	Profissão do homem	Profissão da mulher	Emigra só	Anos de emigração	Número de visitas a Portugal	Ano de partida e regresso	Eventos marcantes
Perfil A – África								
António	Moçambique	Funcionário do estado	Doméstica	Sim	25	3	1954/78	Guerra
Augusta	Angola		Costureira	Sim	8	0	1950/70	Mortes, guerra.
Domingues	Moçambique; Rodésia	Construção civil	Comerciante	Sim	18	1	1942/71	Morte da nora acidente de viação
Henrique	Moçambique	Funcionário do estado	Doméstica	Sim	29	1	1947/76	Guerra; filho toxicodependente
Isilda	Angola	Comerciante	Comerciante	Não	53	0	1922/75	Doenças, guerra.
Jorge	Moçambique, África do Sul	Construção civil	Doméstica	Sim	17	2	1950/73	
Judite	Angola	Serralheiro	Comerciante	Não	21	0	1954/75	Guerra
Juliana	Angola	Comerciante	Costureira	Não	14	0	1961/75	Maus-tratos; alcoolismo; guerra
Mariana	Angola	Militar força aérea	Doméstica	Não	6	0	1969/77	Doenças, guerra
Odete	Angola	Funcionário do estado	Comerciante	Não	15	0	1961/78	Febre-amarela; rapto guerra.
Perfil B – Europa e EUA								
Ana	França	Construção civil	Comerciante	Não	10	1	1953/63	
Amâncio	França	Agricultor	Doméstica	Sim	18	0	1954/72	
Américo	França	Construção civil	Doméstica	Não	5	6	1966/71	Doença
Armando	França	Construção civil	Comerciante	Sim	12	2	1954/67	Doença
Emília	França	Construção	Restauração	Não	18	0	1967/84	
Glorinda	EUA	Operário	Comerciante	Não	17	8	1969/86	
Margarida	Alemanha	Comerciante	Comerciante	Sim	30	10	48/78	Doença
Perfil C – América do Sul								
Berto	Brasil	Estudador	Doméstica	Sim	39	5	1946/85	
Jaime	Venezuela	Padeiro		Sim	25	0	1953/78	
Mendonça	Brasil	Mecânico	Doméstica	Sim	5	0	1945/50	Doença

Construção da integridade familiar: Perfis

O processo de classificação dos participantes quanto à integridade familiar revela (Tabela 3): 8 em integridade familiar, 9 em desconexão e 3 em alienação.

Tabela 3. Classificação dos participantes

Perfis	Integridade Familiar	Desconexão Familiar	Alienação Familiar
África	Augusta		
	Domingues	António	
	Isilda	Henrique	
	Jorge	Juliana	
	Judite	Odete	
	Mariana		
Europa e EUA	Ana	Amâncio	Armando
	Glorinda	Américo	Margarida
		Emília	
América do Sul		Berto	Jaime
		Mendonça	

Integridade familiar

Os participantes em integridade (Tabela 3) revelam no domínio integridade global (Tabela 4) satisfação com a vida, serenidade e realização pessoal, que relacionam com a melhoria socioeconómica resultante da emigração. Sentem o *dever cumprido*: Domingues refere que *começou a ser feliz* quando regressou, porque trazia *bom dinheiro*. Relatam proximidade afetiva com a família ao longo da vida, incluindo na emigração: mantiveram os contatos (*ligados por carta*, Isilda) e estão *espiritualmente unidos* (Isilda); reforçaram a ligação afetiva, pois partem em família e/ou são recebidos por familiares, e as dificuldades são enfrentadas em família.

A filosofia de vida destes participantes caracteriza-se por uma atitude ativa, pautada pela luta e sacrifício (*para ter as coisas é preciso lutar*, Ana), marcada pelo apoio familiar: Glorinda relata que *a língua foi difícil de aprender* e só conseguiu com a ajuda da família, mas agora percebe que é parte *da adaptação* e lhe permitiu *conhecer outra cultura*. Esta atitude ativa reflete-se nos atuais objetivos de vida (centrados na

família): realizar convívios e aguardar notícias dos filhos emigrados; manter entreadjuada familiar na vida diária (Judite ajuda o filho e a nora porque quer *contribuir*).

Referem que há/houve conflitos familiares, mas já foram aceites ou resolvidos. Por exemplo, Domingues deu uma casa ao sobrinho que prometeu prestar-lhe cuidados e não cumpriu; Domingues deseja reaver a casa, mas afirma: *para mim está tudo aceite, agora ele tem de se resolver com a justiça!* Consideram as tarefas de vida acabadas, pois fizeram o que podiam para dar uma boa vida aos descendentes; assim, não sentem arrependimento. Revelam satisfação com a transmissão de legado, principalmente porque a emigração lhes permitiu: adquirir bens que garantem conforto; garantir estudos aos descendentes; transmitir valores aos filhos e a pessoas da cultura de acolhimento. Assim, sentem ter um lugar respeitado na família e sociedade, e consideram que serão lembrados pelo que são e foram: *vou ser lembrado como sempre fui e pelo que sou hoje, honesto e trabalhador* (Jorge). A transformação das relações familiares ocorre com continuidade: *a família esteve separada mas sempre com amor presente* (Augusta).

Desconexão familiar

Os participantes em desconexão (Tabela 3) mencionam insatisfação com a vida familiar, associada a conflitos do passado não resolvidos, que se repercutem no presente, nomeadamente: problemas dos filhos (prostituição e toxicoddependência) (Henrique, Amâncio); zangas com a família residente no país de origem que, durante as visitas que faziam a Portugal, não comparecia em festas e/ou não retribuía a visita (Berto, Américo); desavenças com a família residente no país de acolhimento (Odete, Henrique, Juliana); distanciamento afetivo de filho deixado (como forma de proteção) no país de origem (Juliana). Também emerge insatisfação com acontecimentos da emigração: guerra (Odete, Henrique, António, Juliana); doenças e mortes (Odete, Emília, Mendonça); estigma de ser “retornado” (António).

Os conflitos atuais na família incluem: falta de visitas e/ou convívios familiares (por exemplo, para Berta é uma *afronta* o primo não a visitar); não-aceitação das escolhas do outro (por exemplo, Amâncio não quer que o neto namore uma jovem sem formação superior). Os problemas de saúde e/ou alguma dependência funcional agravam os conflitos, pois obrigam a pedir/aceitar ajuda de familiares com quem há

mal-estar (por exemplo, Henrique *depende do apoio do genro*, com quem não se dá bem).

Estes participantes mantêm alguns contatos com os familiares com quem sentem conflitos, mas não tentam resolver (apesar de desejarem) porque já tentaram mas *sem sucesso* e agora vivem conformados. Parecem desenvolver uma filosofia de vida assente numa atitude passiva limitadora da resolução de conflitos. Definem objetivos de vida focados em: esclarecer assuntos ocorridos durante a emigração (Amâncio vive *desgostoso* com as filhas que se prostituíram enquanto esteve emigrado e gostava de *perceber*); algo inalcançável, por exemplo, Henrique deseja sair da cadeira de rodas (impossível) para visitar a casa *das suas origens*. Todos sentem ter tarefas inacabadas, designadamente *dizer coisas* aos familiares que evitam para não *alimentar* o conflito: *a minha vontade é dizer-lhes coisas que escondo para as coisas não ficarem piores* (Américo). Todos revelam ausência de arrependimentos, pois fizeram tudo para resolver os conflitos; por exemplo, Juliana não se arrepende de ter deixado o filho com a avó: foi para o *proteger do desconhecido*.

Todos referem insatisfação com a transmissão do legado: i) transmitiram legado (educação, valores e bons conselhos), por isso sentem o *dever cumprido*, mas acham que não foi aceite, porque os descendentes não os visitam ou adotam más condutas (o filho de Henrique *meteu-se na droga*); ii) não transmitiram um legado de princípios, devido à distância geográfica; Juliana sente que *pouco transmitiu* ao filho, a educação foi da avó; iii) não transmitiram um legado material (participantes do perfil África, que voltaram *sem nada*). Todos sentem ter um lugar respeitado na família: *sou respeitado porque me dou ao respeito* (Henrique). Percebem que não serão lembrados após a sua morte (*se não me visitam em vida, não o farão depois de morta*, Emília).

As transformações das relações familiares ocorrem com descontinuidade: tornam-se mais frágeis, devido ao afastamento desde a emigração; Américo explica que *foram 15 anos sem se verem depois de alguns conflitos*; perdem o sentido de entreadjuada, mas garantem que seriam ajudados pela família se necessitassem (também o fariam), mas não pedem porque estariam a *rebaixar-se*.

Alienação familiar

Os participantes em alienação (Tabela 3) relatam permanente insatisfação com a vida: *tenho de me sujeitar a tudo, nunca me sinto satisfeita com a vida* (Margarida).

Descrevem desligamento familiar, caracterizado por ausência de união (*não somos unidos* [Jaime e irmãos] *só nos entendemos em questões essenciais!*) e falta de vontade de reaproximação (*a situação pode ficar como está*, Margarida). Mas, normalizam esta vivência: por exemplo, Jaime afirma que *os irmãos não são como os pais (que se interessam), é normal não serem unidos*. Com a emigração, a união familiar desvanece-se e os contatos resumem-se a momentos difíceis, como morte de parentes. A sua filosofia de vida parece centrada na *luta solitária*: desenvolveram *instinto de luta* para se *desenrascarem sem família* durante a trajetória de emigração. Esta postura parece estender-se aos objetivos de vida atuais: *o futuro é andar para aqui desamparado, até chegar a morte* (Armando).

Os relatos revelam ausência de conflitos familiares num contexto de apatia relacional: Armando revela que não está *zangado* com os sobrinhos, mas também não existe *amizade*. Associam a reaproximação familiar a rebaixarem-se, por isso atribuem ao outro a responsabilidade pelo primeiro passo: *não me ligam, também não lhes ligo* (Jaime). Afirmam não ter tarefas inacabadas, nem arrependimentos (*já fiz o que devia*, Jaime). Referem insatisfação com a transmissão de legado: não transmitiram valores simbólicos porque viveram longe; e não tencionam transmitir algo à família porque não se sentem *ligados*. Não sentem ocupar um lugar significativo na família, pois as relações são quase inexistentes e também não atribuem aos familiares um lugar significativo: sentem que não pertencem à família. Por isso consideram que não serão, nem pretendem ser, lembrados após a morte.

A transformação das relações familiares parece ocorrer com continuidade e desligamento, pois mantém-se o afastamento sedimentada ao longo da vida. Jaime relata que *está afastado dos irmãos* porque *sempre foram afastados*. Neste contexto, não pedem ajuda (sempre se *desenrascaram sozinhos*), nem pretendem ajudar a família.

Perfis de emigração versus integridade familiar

A alienação não ocorre no perfil África e a integridade não ocorre no perfil América do Sul (Tabela 3). Os perfis parecem influenciar os percursos de integridade,

mas é a forma como decorre a decisão, adaptação, integração e regresso que parece determinar a evolução.

A integridade familiar (Tabela 4) ocorre em participantes de dois perfis (África e Europa e EUA) e caracteriza-se por a decisão ocorrer em família, a adaptação ocorrer com apoio familiar, a integração envolver manutenção da ligação familiar com reciprocidade (mesmo perante distâncias geográficas) e o regresso ser forçado (descolonização ou problemas de saúde) ou desejado.

A desconexão familiar ocorre em participantes dos 3 perfis. Parece distinguir-se da integridade por durante a integração a ligação familiar existir, embora com pouca reciprocidade (os familiares no país de acolhimento nem sempre os recebem com consideração).

A alienação familiar ocorre em 2 perfis (Europa e EUA e América do Sul), pautada pela solidão na decisão e adaptação, pelo desligamento familiar durante a integração e pelo regresso forçado.

Os perfis (ou seja, localização e vicissitudes do país de acolhimento) podem ter influência na ligação familiar, mas parece ser a decisão familiar ou solitária a pautar o processo.

Tabela 4. Perfis de emigração *versus* construção da integridade familiar

Classificação	Caso/Perfil	Decisão	Adaptação	Integração	Regresso
Integridade	Augusta, Domingues, Jorge (África)	Emigra só; segue-se a família	Em família	Ligação familiar mantida com reciprocidade	Desejado
	Isilda (África)	Em família	“	“	Forçado
	Judite e Mariana (África)	“	“	“	Desejado
	Ana e Glorinda (Europa e EUA)	“	“	“	Desejado
Desconexão	Henrique e Odete (África)	Emigra só; segue-se a família	Em família	Ligação familiar pouco recíproca	Forçado
	Emília (Europa e EUA)	“	“	“	“
	Amâncio (Europa e EUA)	Solitária	“	“	“
Alienação	Berto e Mendonça (América do Sul)	“	“	“	“
	António e Juliana (África)	Em família	“	“	“
	Américo (Europa e EUA)	“	“	“	“
	Armando e Margarida (Europa e EUA)	Solitária	Solitária	Desligamento familiar	Forçado
	Jaime (América do				

Sul)

Discussão

A construção da integridade familiar, desconexão e alienação familiar em Portugueses idosos ex-emigrantes parece associar-se às trajetórias de emigração e à forma como influenciam a sua filosofia de vida/identidade.

Integridade familiar e atitude ativa e solidária

Os participantes em integridade emigraram em família, tendo a emigração reforçado a ligação, pois a entreaajuda foi fundamental para enfrentar a mudança e o desconhecido (Rodrigues, 2009). A presença da família (emocional e/ou física no país de origem e/ou no de acolhimento) potencia a força para desenvolver estratégias de adaptação (por exemplo, em relação à língua) (Souza, 2007). Rocha-Trindade (1986) explica que alguns países de acolhimento facilitam o contato entre emigrante e famílias na terra natal. Neste estudo, observa-se que os participantes em integridade estiveram em África, Europa e EUA, lugares que parecem encorajar a ligação afetiva com a família do país de origem. Na Europa e EUA, a proximidade geográfica permite deslocções mais frequentes; em África, as profissões bem remuneradas permitiam mais telefonemas. Nenhum participante do perfil América do Sul está classificado em integridade, provavelmente devido à longa distância. Além disso, nas famílias daqueles em integridade parece (pré) existir o valor de união (construído ao longo da vida - processo epigenético), que impele à assunção do compromisso durante a emigração. O regresso desejado é caraterístico destes participantes, contudo a integridade também ocorre perante o regresso forçado, quase sempre associado ao perfil África e à descolonização, em que o recomeço é apoiado pela família. A filosofia de envolvimento ativo e solidário com a vida (união familiar e contributo para a comunidade) reforça o compromisso familiar face às transições da vida.

Desconexão familiar e atitude passiva

Os ex-emigrantes em desconexão apresentam relatos pautados por conflitos familiares e uma atitude passiva na sua resolução. São pessoas dos três perfis, algumas emigraram sós, outras em família. Descrevem esforço para manter envolvimento familiar durante a adaptação e integração, mas limitado pela pouca reciprocidade familiar: quando visitam a terra natal (duplo significado, sacrifício e oportunidade de convívio) os familiares não se envolvem, o que é ofensivo e mantém o conflito. Esta escassa união familiar fomenta uma filosofia de vida de passividade na gestão de conflitos: como a união é frágil, cada membro coloca *no outro* a responsabilidade da resolução, perpetuando o conflito. A passividade manifesta-se em atitudes de desprezo (para com família), que encobrem desejos de reaproximação, evitados pela desesperança. Os ex-emigrantes em desconexão foram forçados a regressar; o regresso o recomeço são marcados por desapontamento, que associados a conflitos familiares parecem fomentar desânimo aprendido (Faria, 1990).

Alienação familiar e atitude ativa e solitária

Os participantes em alienação decidem emigrar sós e sem apoio familiar devido a: afastamento familiar prévio; e/ou não terem constituído família (solteiros). Esta decisão *solitária* parece influenciar o processo, especialmente quando emigram para países distantes (Rocha-Trindade, 1986). Ao contrário dos ex-emigrantes em desconexão (alguns também emigram sozinhos), a trajetória de alienação ocorre de forma solitária, dificultando o ajustamento ao país de acolhimento (Morrison & James, 2009; Lechner, 2007; Guerra, 2008). Durante a adaptação não procuram apoio familiar, pois não há proximidade afetiva; assim a emigração torna-se um processo de *desidentificação* familiar ou uma experiência biográfica de rutura (luta solitária) (Rodrigues, 2009; Garcia, 2006). Estes participantes não mantêm ligação com família no país de origem, com exceção para doenças ou mortes, que associada à atitude de luta solitária, os torna incapazes de pedir ajuda ou mostrar desejo de reaproximação: a sua força e identidade estão em enfrentar tudo sem precisar de ninguém. O regresso

destes ex-emigrantes foi forçado (não atingiram os objetivos) por doenças. O regresso forçado está presente nos três perfis de emigração e na integridade, desconexão e alienação familiar: regressam sem objetivos cumpridos e com sentimento de insucesso. Associa-se à alienação familiar por trajetórias de vida e emigração diferenciadas, não apenas por terem regressado sem os objetivos concretizados. O regresso forçado parece associar-se à integridade familiar quando há a presença (mesmo que só emocional) da família.

Limites e perspectivas de pesquisa

A limitação mais significativa neste estudo é o número reduzido de indivíduos em alienação familiar (3), por isso pesquisas posteriores deverão alargar a amostra neste percurso. Atendendo há tradição de emigração nas ilhas (Madeira e Açores) será relevante alargar este estudo a esse contexto geográfico. Torna-se pertinente considerar a associação da integridade (*versus* desconexão e alienação familiar) a outras variáveis, nomeadamente, qualidade de vida e depressão.

Conclusão

A integridade familiar é um processo desenvolvimental normativo construído ao longo da vida (processo epigenético) influenciado por fatores individuais, familiares e sociais. A emigração é um fenómeno complexo, que envolve mudanças socioculturais e coloca o desafio de evitar a rutura relacional familiar. O envolvimento familiar (ainda que só emocional) durante a emigração influencia a filosofia de vida dos indivíduos, fundamental na construção da integridade familiar que ocorre em pessoas idosas que desenvolvem uma atitude ativa e solidária, e cujo processo de emigração se desenrolou em família. A desconexão ocorre em pessoas idosas com uma atitude passiva, cujo processo de emigração envolveu conflitos familiares não aceites nem resolvidos. A alienação familiar envolve pessoas idosas com uma atitude ativa mas solitária, cuja trajetória emigratória decorreu sem ligação familiar.

Referências

- Barreto, A.M.M. (Org.). (2005). *Globalização e Migrações*. Portugal: Instituto de Ciências Sociais.
- Berry, J.W. (2003). Conceptual approaches to acculturation. In: Chun, K.; Balls-Organista, P. & Marin, G. (Eds.). *Acculturation: Advances in Theory, measurement, and applied research*. Washington.
- Canadian Council for Refugees (1998). *Best Settlement practice-Settlement services for refugees and immigrants in Canada*. Ottawa, Canada: Canadian Council for Refugees.
- Erikson, E. (1950). *Childhood and Society*. New York: Norton.
- Falicov, C. (2007). Working with Transnational Immigrants: Expanding Meanings of family, community and culture. *Family Process*, 46(2): 157-71.
- Faria, L. (1990). *Concepções pessoais de inteligência*. Dissertação apresentada para provas de aptidão pedagógica e capacidade científica na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Porto: Edição da autora.
- Garcia, L. (2006). Migrações do passado e do presente: uma análise cruzando género, etnicidade e preconceitos. *Seminário Internacional Fazendo Género 7: Género e Preconceitos*. Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Grundy, E. (1992). The Household Dimension in Migration Research. In: Champion, T. & Fielding, T. (Eds.). *Migration Process & Patterns. Research Progress & Prospects, 1*: 165-74. Belhaven, London.
- Hernandez, M., & McGoldrick, M. (2004). Migration and Family Life Cycle. In: Carter, E. & McGoldrick, M. (Eds.). *The expanded life cycle: Individual, family, and social perspectives*. Boston: Allyn & Bacon.
- King, D. & Wynne, L. (2004). The emergence of Family Integrity in later Life. *Family Process*, 43(1): 7-20.
- Lechner, E. (2007). Imigração e saúde mental. Migrações. Migração e Saúde. *Revista do observatório da imigração*. ACIDI. 1, Alto Comissariado para a imigração e Diálogo Intercultural. Lisboa, Portugal.
- Lopes, A.N., Salvagni, A., Tronco, C., Corrêa, K., Prates, M., Veríssimo, M. & Lunes, M. (2009). *Domus – centro de terapia de casal e família. A Utilização da Linha da Vida Como Técnica em Psicoterapia*.
- Marques, F. & Sousa, L. (no prelo). *Integridade familiar: especificidades em idosos pobres. Paídeia (Ribeirão Preto)*.
- Morrison, M. & James, S. (2009). Portuguese Immigrant Families: The impact of Acculturation. *Family Process*, 48(1): 151-66.
- Nivalainen, S. (2004). Determinants of family migration: short moves vs, long moves. *Journal of population Economics*, 17: 157-75.
- Rocha-Trindade, M. (1986). Longitudinalmente diferente ou o discurso polémico de luso-descendentes. *Análise Social*, 22(92-93): 609-18.

Rodrigues, I.F. (2009). *Qualidade de vida e saúde mental em contexto migratório: um estudo com Brasileiros e Portugueses residentes na cidade de Genebra/Suíça*. Tese de doutoramento em Psicologia: especialidade em psicologia clínica e da saúde. Lisboa.

Sousa, L.; Silva, A. Marques, F. & Santos, L. (2009). Constructing Family in Later Life. In: Sousa, L. (Ed.). *Families in later life*. New York: Nova Science Publishers, 163-84.

Souza, R. (2007). Women Portuguese culture and Diáspora: Women from Goa in New Zealand and cultural Adaptation. *Campus Social*, 3(4): 107-22.

Strauss, A. & Corbin, J. (2008). *Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed.

Toro-Morn, M.I. (1995). Gender, Class, Family and Migration: Puerto Rican Women in Chicago. *Gender & Society*, 9(6): 712-26.

Recebido em 01/08/2011

Aceito em 30/09/2011

Filipa Daniela Marques - Gerontóloga e estudante de Doutoramento no Departamento de Ciências da Saúde na Universidade de Aveiro, Portugal.

PhD financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia [SFRH / BD / 45318 / 2008].

E-mail: filipa.marques@ua.pt

Liliana Sousa - Psicóloga, PhD, Professora Auxiliar com Agregação no Departamento de Ciências da Saúde da Universidade de Aveiro.

E-mail: lilianax@ua.pt

Anexo 1. Integridade, desconexão e alienação familiar: domínios

Domínio. Resolução de conflitos/perdas	
Integridade familiar	Desconexão/alienação familiar
Não/aceitação de conflitos	
Aceitação: sentimento de alívio perante a resolução e/ou aceitação de conflitos.	Não-aceitação: inquietude perante conflitos existentes.
Tarefas in/acabadas	
Acabado: tudo é sentido e vivido como acabado.	Inacabado: alguns assuntos necessitam de ser finalizados; por vezes tal é já impossível.
Ausência/presença de arrependimento	
Ausência de arrependimento: “consciência tranquila”, paz e bem-estar. Podem ter ocorrido algumas situações indesejáveis, mas foram irrelevantes (“coisas pequenas”).	Presença de arrependimento: culpabilização e reconhecimento de erros passados; remorsos e desejo de reformular comportamentos e atitudes.
Domínio. Criação de sentido de legado	
In/satisfação com a transmissão do legado	
Satisfação: sensação de “dever cumprido” e de contributo para as gerações futuras.	Insatisfação: há transmissão de legado, mas a pessoa idosa sente-se frustrada porque os legados não foram/são aceites.
Lugar na família	
Respeitado: a pessoa idosa sente ter um lugar significativo na família, que associa às suas atitudes: não-controlo dos outros.	Pouco respeitado: a pessoa idosa sente que ocupa um lugar pouco significativo na família.
Lembrança familiar	
Congruente: sente que será lembrado como pretende ser, embora deixe isso ao critério dos familiares.	Incongruente: pretende ser lembrado por algo que não é valorizado pela família.
Domínio. Transformações das relações familiares	
Relações familiares	
Continuidade com amadurecimento: manutenção do compromisso familiar face às transições.	Descontinuidade: ocorrem ruturas e/ou desligamentos familiares em algum momento da vida.
Domínio. Integridade Global	
In/satisfação com a vida	
Satisfação: sensação de paz e realização; satisfação com as relações familiares e com a própria vida.	Insatisfação: sentimento de desvinculação familiar; ausência de partilha de valores.
Proximidade/distância afetiva	
Proximidade: sentimento de ligação com a família multigeracional.	Distância afetiva: sentimento de desvinculação e alienação com a família multigeracional.
Filosofia de vida	
Redefinição da identidade pessoal sustentada por uma filosofia de vida: maior aceitação do eu e do outro.	Ausência de redefinição da identidade pessoal, não sustentada por uma filosofia de vida: não-aceitação do eu e do outro.
Projetos de vida	
Centrados no futuro: objetivos de vida de futuro que se traduz num sentimento de utilidade.	Centrados no passado: na resolução de situações do passado.

Anexo 2. Entrevista (King & Wynne, 2004; Sousa et al., 2009)

1. Integridade familiar (geral)

Sente-se satisfeito (ou em paz) com as suas relações familiares?

Que aspectos da sua vida familiar o satisfazem mais? E menos?

Mesmo que não veja os seus familiares tanto quanto gostaria, sente-se próximo deles?

Se possível, indique as suas relações familiares mais próximas.

Gostava de se sentir mais próximo de algum familiar?

2. Resolução de conflitos/perdas

Sente arrependimento em alguma das suas relações familiares?

Tem a sensação de “tarefa inacabada” em relação a algum familiar?

Se sim, já tentou resolver esse assunto? Como?

Há algum assunto que gostasse de discutir com alguém da família?

Se sim, o que acha que o/a poderia ajudar a aceitar ou resolver esse assunto?

3. Criação de sentido e legado

Que aspetos da tradição, história e/ou valores da sua família passou aos mais novos?

Que heranças materiais passou aos mais novos?

O que ainda gostaria de partilhar/passar aos outros (material e/ou simbólico)? Sente que tem um lugar respeitado e significativo na sua família?

Como acha que será lembrado/a pelos seus familiares depois de morrer?

Como gostaria de ser lembrado?

Ainda há alguma coisa que gostaria de fazer/dizer para influenciar as memórias que a sua família terá de si?

4. Transformação das relações

Como mudou a sua relação com os seus familiares à medida que foi envelhecendo?

Pode contar com a ajuda de familiares se necessitar?

Tem dificuldade em pedir ajuda aos seus familiares?

Tem familiares que contam consigo para lhes dar apoio ou ajuda?

Os outros têm dificuldade em pedir-lhe ajuda ou apoio?

Que acontecimentos da sua vida influenciaram mais o que descreveu?